



Henrique Garcia Pereira

Sócio da Ler Devagar

Este texto refere-se apenas ao sítio da Ler Devagar no Bairro Alto, daqui para a frente designada simplesmente pelo significativo ‘sítio’, o qual hoje me desperta mais intensas memórias do que as correspondentes ao ‘espaço’ da LX Factory (em paralelo com esta consideração subjetiva, considero obviamente que a presente configuração da Ler Devagar configura uma das livrarias mais belas do Ocidente, em que a categorização do New York Times, do Guardian — e de todos os outros categorizadores — coincide ponto por ponto com a minha). O que posso desde já afirmar é que as lembranças de uma miríade de experiências situadas (em que o sítio foi determinante) que me assaltam todos os dias têm um carácter sublime, no sentido quase nietzscheano, já que me fazem despertar um feeling agridoce: em termos pragmáticos, a infinita festa depois da ‘apresentação’ de cada um dos meus livros sucedia-se à angústia que me assalta(va) sempre na preparação da performance (os dois tempos distintos aqui evocados é um détournement evidente da simultaneidade do sublime à la Nietzsche).

Como começo de conversa, penso que o ‘sítio’ preenchia uma das principais funções dos tão chorados Cafés que iam rareando na Lisboa desse tempo (nos últimos anos do século XX). De facto, quando a solidão me (nos) assaltava, era sempre verosímil que se encontrassem amigos (ou simples interlocutores) em certos Cafés de Lisboa, aqueles em que eu (nós) ‘parava(mos)’, e onde estabelecia(mos) as quase esquecidas tertúlias político-artísticas. Ora, no ‘sítio’ — para além da voluptuosidade de encontrar(-mos) livros mirabolantes (que não havia em mais lado nenhum) —, sabia(mos) sempre que ia(mos) encontrar um ser

afetuoso (ou que este acabava por aparecer), e — com ele — podia(mos) estabelecer uma relação de agradável convívio.

Do ponto de vista ‘estritamente livreiro’ (?), o período áureo do ‘sítio’ foi, para mim, o intervalo de tempo em que o Eduardo Sousa colaborou com o Zé Pinho (de 2001 a 2005). Formavam a “dupla fundamental”, em 2002, aquando da apresentação de um dos meus livros. Não havia livro, por mais ‘esquisito’ (e insólito) que parecesse, que o Eduardo não fosse desencantar, e pôr à disposição de todo o bibliófilo que aparecesse no ‘sítio’ em demanda de qualquer volume impresso no domínio da escrita (e por vezes, da ilustração).

Por outro lado, foi inestimável a ajuda prestada pelo Eduardo na preparação do ‘sítio’ para o lançamento dos meus primeiros livros (*Arte Recombinatória*, *Apoloogia do Hipertexto na Deriva do Texto*, *A Matéria de que são feitos os sonhos*).

Como seria de esperar, aconteceu-me amiúde, no ‘sítio’, o celebrado ‘engano virtuoso’ narrado por Umberto Eco a propósito das bibliotecas: vai-se à procura de um livro, e encontra-se outro. Por exemplo, nunca esquecerei o mimo que foi para mim o livro a Convivencialidade, de Ivan Illich, numa Edição de 1978 da Europa América, que me veio surpreendentemente parar às mãos, após uma traje tória alea tória. Só numa ‘livraria de fundos’ (categoria a que a Ler Devagar se orgulha de pertencer) é que os bibliófilos podem exercer o prazer de serem colecionadores privados sem terem de subtrair às bibliotecas públicas o espólio que é de todos. Para além de permitir encontrar deliberadamente obras consideradas ‘antigas’ (restos de edições consideradas obsoletas pela vertigem do capitalismo, salvas da trituradora pelas diligências do Zé Pinho, no caso da Ler Devagar), as livrarias de fundos permitem criar situações de acaso objetivo como o que descrevi no corpo do texto, referente à jóia ‘esquecida’ de Illich.

É óbvio que já não me lembro qual o ponto de partida do random walk que me conduziu àquela obra.

O que é facto é que aquele acaso objetivo (quase à maneira dos surrealistas) enriqueceu a visão sobre os homens e o mundo que ainda hoje abraço em filigrana. E essa visão — horizontal, crítica, independente — é acompanhada da tal ‘convivencialidade’ proposta por Illich (Esta noção, que põe em causa o desenvolvimento exponencial do capitalismo a favor dos limites naturais do crescimento, é adotada hoje pelos jovens que se manifestam contra as mudanças climáticas, ignoradas por Trump e sequazes), e que se encontrava a rodos na comunidade reunida no ‘sítio’. Escreve Illich: “A convivencialidade caracteriza uma comunidade que oferece ao homem a possibilidade de exercer as ações mais autónomas e criativas, controlando a sua própria vida pelo uso das ferramentas mentais e físicas menos controláveis pelo poder.”

No sítio, vim também a encontrar por ‘acaso histórico’ uma revista denominada *Devagar*, inteiramente escrita pelo António Ferreira, companheiro de aventuras do Zé Pinho. Nessa revista, que só se podia obter no sítio, perpassava alguma teoria situacionista à la Debord, numa formulação originalíssima, adaptada ao ‘nosso Portugal’.